

RAFAELA RODRIGUES CRUZ

Literatura indígena infantojuvenil pelas obras de Yaguarê Yamã: análise e propostas didáticas de apresentação aos jovens e crianças

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e respectiva literatura em Letras, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Danglei de Castro Pereira

Orientanda: Rafaela Rodrigues Cruz

Brasília/DF
2024

CIP - Catalogação na Publicação

, Rafaela Rodrigues Cruz.
1 Literatura indígena infantojuvenil pelas obras de Yaguaré Yamã: análise e propostas didáticas de apresentação aos jovens e crianças / Rafaela Rodrigues Cruz ; orientador Danglei de Castro Pereira. -- Brasília, 2024.
37 p.

Monografia (Graduação Letras Língua portuguesa e respectiva literatura (licenciatura)) -- Universidade de Brasília, 2024.

1. Literatura indígena infantojuvenil. 2. Yaguaré Yamã.
. 3. Literatura indígena nas escolas. . 4. Literatura Maraguá. . 5. Literatura Sateré-Mawé.. I. de Castro Pereira, Danglei , orient. II. Título.

RAFAELA RODRIGUES CRUZ

Literatura indígena infantojuvenil pelas obras de Yaguarê Yamã: análise e propostas didáticas de apresentação aos jovens e crianças

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Danglei de Castro Pereira (Presidente)
Universidade de Brasília/UnB

Trabalho avaliado no âmbito da disciplina Monografia em
Literatura. Departamento de Teoria Literária e literaturas.
Instituto de Letras-UnB

Brasília /DF, 31 de julho de 2024.

CRUZ, Rafaela Rodrigues. **Literatura indígena infantojuvenil pelas obras de Yaguarê Yamã: análise e propostas didáticas de apresentação aos jovens e crianças**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso Graduação em Letras - Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2024.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo evidenciar a importância da literatura de autoria indígena para o público infantojuvenil a partir da análise e apresentação de obras de Yaguarê Yamã. Dessa forma, pretende-se discutir também a forma em que as culturas indígenas são apresentadas na escola e sobre o impacto positivo da introdução literatura de autoria indígena no ambiente escolar para a formação de jovens leitores. Ao longo do estudo deste tema iremos perpassar reflexões sobre identidade e memória. Para tal construção realizou-se uma revisão bibliográfica de estudos que agregam ao tema e a apresentação e análise das obras de Yaguarê Yamã.

Palavras-chave: Literatura indígena infantojuvenil. Yaguarê Yamã. Literatura indígena nas escolas. Literatura Maraguá. Literatura Sateré-Mawé.

CRUZ, Rafaela Rodrigues. **Literatura indígena infantojuvenil pelas obras de Yaguarê Yamã: análise e propostas didáticas de apresentação aos jovens e crianças.** 2024. Trabalho de Conclusão de Curso Graduação em Letras - Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2024.

ABSTRACT

This study aims to highlight the importance of indigenous literature for children and young people through the analysis and presentation of works by Yaguarê Yamã. Therefore, this work also intends to explore how indigenous cultures are represented in schools and the positive impact of introducing indigenous-authored literature in education settings for nurturing young readers. Throughout this research, reflections on identity and memory will be addressed. To build this understanding, a literature review of relevant studies was undertaken, along with the presentation and analysis of Yaguarê Yamã's works.

Keywords: Indigenous literature for children and young people. Yaguarê Yamã. Indigenous literature in schools. Maraguá literature. Sateré-Mawé literature.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família que compartilhou comigo o sonho de me formar na Universidade de Brasília.

À minha namorada que me acompanhou de perto em todo o processo de escrita, com quem eu dividi as dificuldades e as alegrias de cada etapa deste trabalho. Obrigada por me acolher durante as minhas inseguranças e por me ouvir falar com entusiasmo sobre as obras maravilhosas que conheci durante a pesquisa.

Aos excelentes educadores que eu tive o privilégio de conhecer durante a minha formação acadêmica e profissional. São tantos que falta espaço para citá-los.

Às minhas amigas pela compreensão em todas as minhas ausências e mensagens não respondidas.

À Universidade de Brasília que me permitiu estar em contato com pessoas que me guiaram na escolha desse tema que me engrandeceu como profissional e como pessoa.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| 1 YAGUARÊ YAMÃ E SUA CONTRIBUIÇÃO LITERÁRIA | 12 |
| 2 YAGUARÊ YAMÃ PARA A FORMAÇÃO DE JOVENS LEITORES | 24 |
| 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 32 |
| REFERÊNCIAS | 34 |

INTRODUÇÃO

O trabalho propõe evidenciar a importância das literaturas de autoria indígena e suas relevâncias para a construção do letramento literário de jovens leitores. Para isso, utilizaremos como referência primária o conjunto de obras de Yaguarê Yamã. Pretendemos recorrer a alguns livros do autor e constatar a importância do conhecimento do público juvenil sobre essas produções para que cresçam com um entendimento respeitoso sobre os indígenas e, nesse caso, sobre os povos Maraguá e Sateré-Mawé que são os protagonistas das histórias de Yaguarê Yamã, uma vez que ele pertence a essas duas etnias. Esse processo é fundamental para que indígenas e não indígenas se reconheçam tanto em suas diferenças quanto nas suas semelhanças.

Para alcançar os objetivos deste estudo, é fundamental revisitar brevemente a maneira a qual os indígenas foram retratados ao longo de todo o percurso da literatura brasileira. Nesse sentido, cabe primeiramente diferenciar literatura indígena de literatura indianista e indigenista. A literatura indígena é a literatura feita por indígenas. Por outro lado, a literatura indianista é advinda da primeira fase romantismo que visava construir uma identidade nacional brasileira por meio da literatura e carregava a representação do “índio” como herói nacional em várias obras. Por fim, a literatura indigenista que é sobre indígenas, mas não é produzida por indígenas. É fundamental destacar que os criadores dessa literatura indigenista podem ser aliados à causa indígena ou não. Após as devidas diferenciações, é importante ressaltar que ao longo do texto, quando nos referirmos a literatura indígena será sempre no sentido de falar sobre a literatura de autoria indígena.

A partir dessas pontuações, é crucial destacar que os indígenas foram apresentados como infantis ou selvagens e tiveram suas histórias generalizadas -diversos povos indígenas foram englobados na generalização simplista do termo “índio”, desconsiderando que cada povo possui uma particularidade social, cultural e histórica distinta. Portanto, as literaturas indígenas mostram-se como importantes e essenciais para contribuir com a desconstrução de estereótipos negativos que foram incessantemente atribuídos aos povos originários.

Nesse cenário de estereótipos negativos sobre povos autóctones¹ cabe ressaltar que ainda hoje a sociedade brasileira conhece apenas o “índio”, que é a figura

¹ Autóctone - originário do país ou da região em que habita.

genérica e desumanizada do sujeito criado pelos colonizadores, e não os indígenas que são mais de trezentos povos plurais e diversos. O índio é a imagem irreal de um sujeito selvagem, preguiçoso e antropofágico, que vive em tribo², que não utiliza roupas e não sabe falar português. Já o indígena é o ser humano que possui uma cultura, uma etnia, é autônomo e que pode escolher viver em uma aldeia ou não, mas que em nenhuma das hipóteses deixará de ser indígena. Frequentemente analisamos o processo violento de colonização ao qual os indígenas foram submetidos, no entanto, é igualmente necessário pensar nas demandas dos povos indígenas na atualidade também. Uma vez que muitos indígenas têm as suas identidades negadas por estarem em contato com a cidade e com a tecnologia como se deixassem de pertencer a uma cultura e um povo imediatamente ao interagir com o mundo ocidental. Sendo que, conhecer esse mundo é também um instrumento para reivindicar direitos. Tendo em vista isso, o primeiro passo para a desconstrução dos estereótipos atribuídos aos povos originários é o conhecimento sobre eles desde a colonização até a atualidade. A respeito do entendimento de quem são os indígenas e quais são as suas demandas, Yaguarê Yamã afirma:

"O preconceito acontece quando a gente não conhece algo. Como gostar de algo que não conhecemos? A partir do momento em que a gente passa a conhecer, a gente valoriza. É isso o que falta com os povos indígenas." (Yaguarê Yamã em 'entrevista'. [Itaú Social](#), 20.9.2021).

Assim, ao conhecer os povos indígenas conseguimos iniciar o processo de descolonização do pensamento, isto é, reconhecer as estratégias utilizadas pelo colonialismo para moldar a nossa visão sobre o que é ser indígena. Além de entender os povos indígenas como pessoas que habitam a atualidade e não como indivíduos que ficaram no passado. E desse modo, tanto recontar a história para o adulto que foi influenciado pelo colonizador como apresentar a verdadeira e a atual narrativa ao público mais jovem. Esse processo de reconhecimento do outro pode ser feito por meio das literaturas de autoria indígena pois são os próprios indígenas escrevendo sobre as suas culturas sem intermediários de pessoas não indígenas.

² ¹ O significado da palavra 'tribo' é divisão de um povo (YAMÃ, 2019, p.18). Entretanto, de acordo com o dicionário Houaiss para a antropologia essa palavra representa um "grupo social autônomo que apresenta certa homogeneidade (física, linguística, cultural, etc)". Essa definição é semelhante a outros dicionários também. Tendo em vista isso, esse termo tem sido usado de forma ofensiva generalizando culturas que são plurais e possuem muita diferença entre si.

A literatura produzida pelos indígenas sempre existiu pois os povos originários constantemente produziram literatura, entretanto de forma oral. De acordo com GODET, Rita Olivieri (2018) no início da década de 1990 surge um fenômeno cultural entre os ameríndios de passagem da tradição das histórias orais para a escrita alfabética. Esse processo de adequação à escrita alfabética pelos povos indígenas aconteceu porque várias culturas morreram junto com seus representantes devido ao genocídio contra a população indígena. Logo, os indígenas vêm utilizando esse sistema de escrita do mundo ocidental como estratégia para resistirem e preservarem suas identidades. Portanto, a passagem da literatura oral para a escrita é uma forma de resgate e de dar continuidade a culturas de povos que, ainda hoje, sofrem com o genocídio.

A escrita de autoria indígena nos mostra que existem muitas maneiras de ser indígena. Portanto, podemos afirmar que dentro da noção geral de literatura indígena, existe a literatura de vários povos. Ou seja, a literatura Sateré, a Maraguá, a Potiguara, a Munduruku e várias outras. Dessa forma, muitos autores utilizam o termo *literaturas indígenas* como recurso para abranger essa pluralidade. Neste trabalho vamos nos restringir a dialogar sobre o ser indígena pelo ponto de vista de Yaguarê Yamã, pertencente aos povos Maraguá e Sateré-Mawé. O primeiro é um povo originário do interior de Nova Olinda do Norte, que habita a região às margens do rio Abacaxis, território denominado de *Maraguapajy*. “Esse grupo étnico é de origem *Aruak*, com forte influência Tupi. Seus integrantes falam a língua maraguá, um idioma misto de Nheengatu e *Aruak*, e sua cultura se baseia na antiga cultura tapajônica” (Dos Santos, 2022, p.47). Já os Sateré-Mawé vivem na região do médio rio Amazonas em duas terras: a Andirá-Marau e a Koatá-Laranjal. No livro “Sehaypóri: O livro sagrado do povo Sateré-Mawé” Yamã faz uma breve descrição sobre esse povo:

Os Mawé ou Sateré-Mawé são um povo indígena heterogêneo originado do tronco Tupi, pertencente à etnia Tupi-Guarani. São trilingües: falam o idioma nacional Sateré, o português (implantado pela sociedade dominante), além da língua geral, o nhengatu, falada por parte dessa 23 sociedade que, por estar há mais de trezentos anos em contato com os brancos, atualmente vive em estado de integração, o que lhe tirou muito de sua tradição (...) Os Mawé são conhecidos como “o povo do guaraná”, o primeiro a praticar agricultura dessa planta originária das terras pretas e férteis da região dos rios Mavés-Açi, Maráw, Mamuru e Andirá - os rios sagrados dos Mawé (YAMÃ, 2007, p. 15 - 16).

Esses dois povos tiveram convívio ao longo dos anos já que por conta da colonização no local onde habitavam, alguns grupos Maraguá tiveram que se unir aos Mawé para conseguirem sobreviver. Por conta disso, os Maraguás carregam uma herança cultural dos Sataré-Mawé sendo chamados também de Maraguá-Mawé. Diante do exposto, compreendendo a importância das literaturas indígenas seguiremos para uma escrita com o objetivo de elaborar estratégias para apresentar Yaguarê ao público mais jovem, destacando como as obras desse autor podem ser utilizadas em sala de aula. Analisando como essas leituras trazem temas relevantes ao público jovem ao mesmo tempo em que ensinam sobre os povos Maraguá e Sataré-Mawé.

Acreditamos que esse tema é importante a ser trabalhado pois embora tenham muitos escritores indígenas publicando livros infantojuvenis, ainda há um desconhecimento da sociedade brasileira sobre essas publicações. Consideramos também que a escola é o lugar da formação de crianças e jovens como leitor, logo é de extrema importância criar próximas gerações mais conscientes e comprometidas com essa luta. Já que, a luta pela demarcação das terras indígenas, pela inserção do indígena na sociedade brasileira e pela reparação pelo genocídio causado a esses povos é urgente e necessita da colaboração dos não indígenas também. Essa colaboração começa na descolonização do nosso pensamento sobre as civilizações indígenas. Para isso, utilizaremos como metodologia a revisão bibliográfica de estudos que estão alinhados com o tema e as obras de Yaguarê Yamã. Dessa forma, no capítulo um desse estudo apresentaremos a biografia do autor Yaguarê Yamã assim como a sua trajetória como escritor e algumas características da escrita dele. Além disso, selecionamos algumas obras com o objetivo apresentá-las e apontar aspectos relevantes sobre elas. No segundo capítulo, refletiremos sobre a importância da escola e dos professores repensarem a forma que em que a temática indígena tem sido abordada em sala de aula e iremos propor algumas formas de utilizar as literaturas indígenas, em especial as obras de Yaguarê, nesse contexto.

YAGUARÊ YAMÃ E SUA CONTRIBUIÇÃO LITERÁRIA

Pensando ainda em como a literatura tem um papel fundamental na construção identitária de uma cultura e de um povo vamos refletir sobre o quão autores como Yaguarê Yamã são essenciais para que os jovens e crianças tenham o sentimento de pertencimento ao se verem representados em uma narrativa. Os Mawés, como exposto por Yamã, perderam muito de sua tradição devido ao contato prolongado com os brancos. Logo, autores como Yamã são necessários não só na luta pela continuidade da cultura, como também no auxílio aos jovens Mawés que eventualmente podem buscar por suas identidades perdidas.

Yaguarê Yamã é formado em geografia pela Universidade de Santo Amaro (UNISA), além disso, ele é ilustrador, professor e ativista pela demarcação das terras do seu povo, pela conscientização dos ribeirinhos e pela inclusão do indígena na sociedade brasileira (YAMÃ, 2011). Ele pertence tanto ao povo Maraguá quanto ao povo Sateré-Mawé visto que sua mãe era Maraguá e seu pai era Sateré-Mawé. Cresceu em uma aldeia chamada Novo Horizonte *Yãbetue'y*, que fica no Paraná Urariá, um rio no município de Nova Olinda do Norte, portanto é amazonense. Aos onze anos mudou-se para Parintins, onde aprendeu a falar português. Além do português, ele também fala outras quatro línguas: o Maraguá, o Tupi, o Nheengatu e o Sateré. Atualmente atua como *vice-tuxawa-geral*³ do povo Maraguá e é Vice-Coordenador da ASPIM (Associação do povo indígena Maraguá). Ele também é sócio do Nearin (Núcleo de Escritores Indígenas) ligado ao IMBRAPI (Instituto Brasileiro de Propriedade Intelectual).

O hábito de contar histórias faz parte da rotina diária na comunidade onde o autor vive e isso o influenciou a começar a escrever e por meio da literatura buscar a valorização da sua cultura. Outra influência importante para Yaguarê foi o seu pai que era um

³ *Tuxawa* é o governante eleito pelo povo para ser um representante legítimo. Existem vários tipos de *tuxawa*: os *tuxawas-gerais* que representam o governo máximo da nação e governam clãs; os *tuxawas* que governam clãs familiares e os *tuxawas* que governam aldeias e vilas.

grande contador de histórias. Foi inspirado nele que Yamã escreveu uma homenagem em formato de livro chamado “o caçador de histórias”, publicado em 2004, essa produção contém todas as histórias que seu pai costumava contar. Portanto, tendo crescido nesse contexto hoje ele é autor de mais de trinta livros, dentre esses autorais e colaborações com outros autores. Foi premiado nacional e internacionalmente por alguns desses livros. O White Ravens da Biblioteca de Munique na Alemanha, o Altamente Recomendado da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), os selecionados para a Feira de Bologna na Itália e o Programa Nacional Biblioteca na Escola são exemplos de conquistas de prêmios que Yaguarê conquistou.

A literatura fantástica, o vocabulário acessível, os textos curtos e as ilustrações são predominantes nas suas obras. Por conta disso, os livros do autor são colocados na caixinha de livros para o público infantojuvenil, mas cabe o parêntesis de que suas obras servem tanto para crianças e jovens quanto para adultos. Isso porque, o conhecimento dos adultos do ocidente sobre os Maraguás e Sateré-Mawés se assemelha ao dos jovens que ainda estão conhecendo essas culturas. Entretanto, como nossa pesquisa tem o foco no público juvenil, vamos nos restringir a eles.

A seguir exploraremos as seguintes obras de Yaguarê: *Puratig: o remo sagrado* (2001), *Contos da floresta* (2011), *Falando Tupi* (2012), *Murugawa: mitos, contos e fábulas do povo Maraguá* (2013), *Cocarzinho Amarelo* (2022), *Três Curumins – como nascem os nomes indígenas* (2023). A seleção dessas obras foi pensando em compreendermos um pouco das histórias, temáticas e o estilo de escrita de Yaguarê Yamã.

A primeira publicação do autor intitulada “*Puratig: o remo sagrado*” foi lançada em 1999. Trata-se de um livro que apresenta alguns mitos⁴ do povo Sateré-Mawé. Os livros de Yamã sempre têm um aspecto da coletividade, portanto nessa obra os mitos são narrados pelo pajé Karumbé e outros homens mais velhos da aldeia. O nome do livro é referente ao bastão sagrado do povo Sateré-Mawé, nele estão contidas todas as histórias tradicionais desse povo. Em entrevista ao Museu da Pessoa (2008) Yaguarê explica um pouco sobre o *Puratig*. Ele conta que o remo sagrado é dividido em três partes: em primeiro plano os mitos que são considerados verdades incontestáveis; o segundo plano reúne as lendas que são

⁴ Nesse contexto assume um significado diferente do que é na sociedade ocidental. Isso porque costumamos pensar no mito como uma história inventada e inverídica. Já para as sociedades indígenas, os mitos são as crenças desse povo que, portanto, são convicções.

histórias que explicam a origem de alguma coisa, mas que as pessoas não necessariamente acreditam e por fim as fábulas que são histórias para crianças. “Puratig: o remo sagrado” foi pensado como uma referência a esse livro sagrado dos Sateré-Mawé adaptado para o público infantil. Nele, há histórias sobre a origem do mundo, do guaraná, a história do *Purating*, a organização da aldeia e dos clãs. Um aspecto interessante referente a obra é que narrador inicia apresentando a aldeia dele e depois descreve como acontece o momento da contação de história.

“Quando chega a noite, do mesmo modo que faziam seus antepassados, o velho caminha para uma das casas cobertas de palha e senta-se numa das redes. Então o pessoal da aldeia e as crianças se aproximam e sentam aos seus pés, sob as lamparinas acesas, para ouvir as histórias de aventuras do nosso povo. Enquanto isso, lá na mata, o karaxué⁵ e a macucaua⁶ entoam seus cantos e os sapos coxam na beira dos lagos e igarapés⁷. A lua aparece bonita e ilumina a aldeia. Todos fazem silêncio e esperam ansiosos o velho começar sua narrativa. Ele baixa a cabeça, respira fundo e começa a contar...” (YAMÃ, 2001, p. 8-9).

Essa apresentação aproxima o leitor a essa prática tradicional da cultura Sateré-Mawé e demonstra uma tradição, pois os antepassados do contador de histórias já realizavam essa prática. Além disso, concordamos com a visão de Pereira; Bruce; Silva e Mouta de que “quando o autor coloca, por exemplo, no início de seu livro a maneira de se contar histórias conforme a tradição de seu povo, ele está valorizando a sua cultura, sua etnia e ancestralidade (Pereira et al., 2020, p.460)”. Em outras palavras os autores ainda afirmam:

“O fragmento revela uma narrativa mnemônica contada pelo ancião da aldeia, assim, mostra os traços da oralidade interagindo com a escrita quando dá detalhes da preparação para iniciar a história, destacando o velho contador de histórias, a forma como costumam se reunir na aldeia, o espaço e o som do canto dos pássaros que ditam o ritmo da floresta, ou seja, o cotidiano ameríndio, permitindo que o leitor sinta a atmosfera do conto e consiga “ouvir” e

⁵ sabiá.

⁶ Makukawa - espécie de ave galinácea muito comum na Amazônia (*Tinamus brasiliensis*) e que a religiosidade tradicional diz se agourenta ou fazer parte dos bichos-visajentos. Macuco. (YAMÃ, Yaguarê, 2021, p. 274).

⁷ Curso fluvial de tamanho inferior a rio. (YAMÃ, Yaguarê, 2021, p. 501).

ver o velho baixar a cabeça e narrar o que ele e seus antepassados viveram. (PEREIRA et al, 2020, p.460)”

No conto sobre a origem do mundo desse mesmo livro gostaríamos de destacar a frase “Tupana criou Aa’t, o Sol Yurupary criou Waty, a Lua” (YAMÃ, Yaguarê, 2001, p. 10) para ressaltar dois pontos: em primeiro lugar, as palavras ‘Sol’ e ‘Lua’ vêm grafadas com a inicial maiúscula tornando-as em seres e indicando a sua importância e respeito por esses elementos. Outro ponto é que Yaguarê Yamã costuma incorporar palavras das suas línguas na escrita como *Aa’t*, *Yurupary* e *Waty*. No caso da frase destacada, o leitor consegue entender o que significa pelo contexto, mas o autor sempre deixa um pequeno dicionário ao final dos seus livros. Isso permite que os não indígenas tenham conhecimento não só sobre a cultura e os mitos, mas também sobre a língua desses povos.

Além de conhecer as línguas indígenas também é necessário que os não indígenas conheçam o quanto os povos indígenas contribuíram para a formação do Brasil, principalmente no quesito linguístico. Nesse sentido, Yaguarê tem um livro chamado “Falando Tupi” de 2012 que tem o objetivo de apresentar essa língua e mostrar palavras de origem tupi que fazem parte do vocabulário do brasileiro e que poucos sabem de onde veio. É uma crônica caracterizada como infantil, mas serve também para todos que queiram conhecer palavras em português que se originam do tupi. No formato de uma conversa o autor vai nos mostrando vários nomes de cidades e locais que são de origem tupi e explicando os seus significados. Com isso, conseguimos entender que muito do português brasileiro é uma herança linguística do tupi. Como uma forma de aprofundamento na língua tupi, ele apresenta algumas frases em tupi e traduz para o português. Além disso, ao final do livro tem uma seção de para conhecer mais a língua e cantigas com palavras de origem tupi.

No livro “Falando Tupi” Yaguarê explica que é importante conhecer e saber o porquê das coisas para entender como vivem os indígenas e valorizar a cultura do Brasil. Ele frisa que todos, indígenas e não indígenas, são brasileiros. No livro “Contos da Floresta”, que iremos adentrar mais posteriormente, há uma seção de entrevista com Yaguarê na qual ele é perguntado se ser ‘índio’ é ser mais brasileiro e ele responde “não, ser índio é ser mais um brasileiro, um brasileiro com uma cultura e uma sociedade diferente.” Esses dois aspectos são demonstrações claras de um dos objetivos de Yaguarê na literatura que é defender a inserção do indígena na sociedade brasileira. Essa inserção diz respeito à aceitação dos povos nativos pela sociedade brasileira sem tentativas de eliminar as suas crenças ou modo de viver, aceitar

que esses povos também são peças importantes na construção da identidade brasileira, pois são uma parte da composição da diversidade que representa o Brasil.

Além de incluir palavras das suas línguas na escrita, Yaguarê tem uma quantidade expressiva de livros portugueses-nheengatu. O nheengatu, a língua geral da Amazônia, é promovido através de sua obra com o objetivo de valorizá-lo e ampliar seu reconhecimento. Essa língua já foi proibida de ser falada na Amazônia nos anos 1750, por meio das reformas de Marquês de Pombal que visavam impor o português como língua oficial. Tendo em vista esse cenário de importância da língua, o autor a emprega constantemente em seus livros também como uma forma de resistência e preservação.

Há também livros em português-tupi e português-maraguá. Isso é uma maneira de apresentar a diversidade linguística do Brasil valorizando-a, mas também deixar essas línguas registradas para que sejam preservadas por mais tempo, já que normalmente línguas indígenas morrem junto com os seus falantes.

Para muitos povos indígenas toda palavra tem espírito, um nome é uma alma provida de um assento, diz-se na língua ayvu (Jecupé, 2020, p.18). A seguir veremos que na cultura Maraguá, por exemplo, a identidade da pessoa tem muita relação com o nome. Por isso não só as palavras, mas os nomes também são importantes para várias culturas indígenas e as vezes eles surgem de uma forma muito especial. Nesse sentido, Yaguarê Yamã tem um livro intitulado “Três Curumins - como nascem os nomes indígenas” lançado recentemente, em 2023. Nele, por meio de três histórias Yaguarê retrata as várias formas em que podem surgir os nomes indígenas. Isso porque como há uma diversidade de povos, esse processo de dar o nome à uma criança varia de acordo com cada povo e contexto em que o bebê está inserido. Esses nomes podem ser atribuídos por seres protetores da natureza, escolhidos por sua beleza ou significado, ou selecionados de acordo com os critérios próprios de um povo. De forma simples nessa narrativa conseguimos entender a diversidade dos povos indígenas brasileiros.

Escolhemos a história de Nashaw Shawali para ilustrar uma das várias maneiras de nomeação de crianças indígenas. Já que nem sempre são os pais que escolhem. Dessa forma a narrativa escolhida é sobre como a sociedade Maraguá que vivem às margens do rio *Guarinamã*, no Amazonas nomeiam as crianças. Nesse grupo, com frequência os *Ãgauaçus*, espíritos protetores da natureza, que decidem quem serão seus protegidos e então o nomeiam. Na história, cada *Ãgauaçu* e sua respectiva função é apresentado ao leitor, essa é

uma maneira de descobrir mais da cultura Maraguá. O nome do protegido sempre tem uma ligação com as entidades que o escolheu. Esse nome chega à criança por meio do pajé ou *malylis* que é como esse povo o chama. O *malylis* se encontra com o espírito protetor que terá a posse da criança e esse o informa o nome que escolheu para a criança. Em seguida o pajé comunica o nome aos pais. Esse foi o processo que aconteceu com o personagem Nashaw Shawali. O nome dado ao menino significa ‘cobra bonita’ e foi escolhido por *Çukuruyuwera*, que é o espírito protetor da natureza responsável por proteger os répteis e também Nashaw. Ele possui uma característica muito comum aos répteis que é gostar de ficar na água. Portanto, cabe dizer que o nome do personagem revela aspectos identidade dele. Outro exemplo desse processo de nomear dos Maraguás é o nome do autor, Yaguarê Yamã, que significa ‘tribo de onças pequenas’ e foi escolhido pelo espírito dos felinos.

Outro ponto relevante a ser citado diz respeito a uma característica da construção das histórias do autor que é recorrer às memórias de infância. Para Lee Goff “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.” (Le Goff, 1994, p. 410). Portanto, é por meio das memórias individuais juntamente com a memória de outras pessoas que Yaguarê Yamã apresenta a identidade do povo Sateré-Mawé e Maraguá para as pessoas não indígenas, utilizando como recurso a literatura. A sociedade brasileira em geral é marcada pela diversidade, portanto essas memórias fazem parte do que nós somos. Logo, essa reconstrução feita por Yaguarê por meio da literatura é necessária para resgatar e registrar todo patrimônio cultural perdido dessas culturas, fruto dos vários anos de contato com brancos. Assim, por meio das literaturas indígenas, o não indígena consegue conhecer aspectos que também fazem parte da nossa identidade enquanto brasileiros e que a todo o momento negamos enquanto tentamos nos tornar parecidos com os nossos colonizadores.

De acordo com Le Goff “[t]ornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, grupos e dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas” (Le Goff, 1994, p. 368). Dessa forma, a memória é uma poderosa ferramenta de poder para controle de narrativas, pois é a partir dela que as pessoas criam suas percepções sobre a história. Quando apenas um grupo possui esse controle de narrativa ele costuma ser visto como o detentor da verdade absoluta. Trazendo esse pensamento para a realidade do Brasil, durante muito tempo a sociedade brasileira dominante manteve o poder de controle da narrativa a respeito dos povos indígenas.

Entretanto isso vem mudando a passos lentos com a literatura indígena. Logo, a literatura de autoria indígena é uma forma de não deixar que o controle sobre as histórias das culturas indígenas permaneça totalmente nas mãos de classes, grupos e indivíduos dominantes na sociedade. É o início da luta para enfraquecer visões distorcidas sobre os povos originários.

O autor frisa ainda que “[a] memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (Le Goff, 1994, p. 411). Esse é o objetivo de Yaguarê Yamã na literatura, utilizar a memória de forma emancipadora visando reconstruir o passado para que no presente e no futuro os povos indígenas possam ser vistos fora de uma posição subalterna na sociedade.

Assim como as outras obras citadas anteriormente, a publicação “Contos da floresta” (2011) de Yaguarê Yamã também utiliza a memória para apresentar seis mitos e lendas do povo Maraguá que são conhecidos como o povo das histórias de assombração. Portanto, esse livro está dentro da atmosfera de assombro, magia e mistério embora alguns contos também nos façam rir.

Selecionamos o conto “As Makukawas” para nos aprofundarmos. Esse conto é sobre um homem que gostava de caçar *makukawas* e certo dia caçou mais do que podia comer. Então, um dia, um ser protetor da floresta e dos animais, chamado *Makukawaguá*, pai dos pássaros *makukáwas*, transformou-se em um homem alto e forte, com pés de pássaro semelhantes aos de um *tipuã* e foi até a casa do caçador assustá-lo. Ele fez isso para ensinar uma lição ao homem que caçava mais do que o necessário para se alimentar e à mulher, que por preguiça estava pedindo ajuda a quem não conhecia, no caso, um *tipuã*. Os seres protetores da natureza estão presentes em vários contos desse livro e estão sempre cuidando da floresta, observando e punindo os homens que estejam fazendo algo para prejudicá-la. As *makukawas*, de acordo com o que *Makukawaguá* diz, são bichos visajentos, isso significa que elas têm a função de assustar. Portanto, a forma de punição delas é assustar.

O ensinamento aprendido em “As makukawas” trata-se de uma das leis da natureza segundo a *urutópiag*. A *urutópiag* trata-se de uma religião antiga do povo Sateré-Mawé. Grande parte dos Mawés foram convertidos ao cristianismo dessa forma poucas pessoas, em sua maioria pajés e indígenas idosos, se dedicam a proteger essa religião que é ameaçada de extinção. Yaguarê Yamã tem um livro chamado “Urutópiag: a religião dos pajés e dos espíritos da selva”. Esse livro é uma forma de preservar os preceitos e sabedorias da

urutópiag. A regra presente no conto “As makukawas” estabelece que não se deve matar mais do que pode comer. Em muitas sociedades indígenas e ribeirinhas mesmo aqueles que não seguem a religião, frequentemente respeitam algumas de suas normas, tal qual o princípio apresentado no conto. Isso nos mostra como é diferente a forma que a sociedade indígena Maraguá-Mawé e o ocidente não indígena lidam com a floresta e com os animais. Considerando que desde cedo os indígenas Maraguá aprendem a lição de tirar da floresta apenas aquilo que precisam. Enquanto nas sociedades não indígenas não há esse limite, prevalece a noção de acumulação. Isso significa que, são habituais as acumulações dos recursos retirados da floresta, o desmatamento em grande escala e caça de animais por diversão e não para alimentação e em determinadas situações essas atitudes chegam a ser incentivadas. Logo, o contato com esse conto pode levar os jovens leitores a refletirem sobre qual tipo de relação eles estão estabelecendo com o meio ambiente e os animais e assim, avaliarem se consideram o ideal ou não.

É oportuno pontuar ainda que normalmente as religiosidades indígenas são consideradas como algo folclórico ou homogêneo. O ocidente não costuma ter respeito por religiões indígenas, tratando entidades importantes como histórias inverídicas. Uma ilustração dessa realidade é o curupira que é reconhecido como um personagem do folclore brasileiro que foi esvaziado do significado que ele tem para a cultura Maraguá. Esse esvaziamento começa no nome: para a sociedade brasileira o curupira significa “corpo de menino”, para a sociedade maraguá a palavra *kurupyra* é composta por ‘Kuru’ que significa sapo e ‘pyra’ significa pele, ou seja, pele de sapo, por conta disso ele tem a pele e dentes verdes, além disso, tem o cabelo vermelho, mas não é de fogo diferente de como normalmente é retratado. Por tratarem as culturas indígenas como algo homogêneo, a sociedade ocidental tende a difundir erroneamente a ideia de que todo ser da floresta é *kurupyra* e que ele é um demônio da floresta. Por vezes até confundem essa entidade com outras, como por exemplo, a entidade Kaapora que equivocadamente a chamam de caipora. Portanto, é essencial realizar leituras que abordem a cultura dos povos indígenas com religiões próprias para tratarmos com a devida seriedade o que consideram sagrado. E para os jovens, é necessário entrarem em contato com essas leituras para que entendam desde cedo que algo não deve ser desrespeitado apenas por se originar de uma cultura desconhecida por eles. As entidades fazem parte de uma cultura, pertencem a um contexto e têm uma importância dentro da religiosidade Maraguá e merecem ser respeitadas e principalmente serem tratadas com seriedade assim como as religiões universais são respeitadas.

As entidades do *Kurupyra* e do boto, que também é bastante conhecido, aparecem no livro “Murugawa: mitos, contos e fábulas do povo Maraguá” de Yaguarê Yamã. Esse é um livro de 2013 e recebe esse nome porque de acordo com Yaguarê há um totem sagrado chamado *Modagara*, plantado no centro de cada aldeia, que é uma das manifestações culturais do povo Maraguá e lá contém o *Murugawa* que é a seleção de mitos tradicionais do povo Maraguá, todo escrito em grafismo (YAMÃ, Yaguarê, 2013, p.12).

Cada povo tem a sua forma de pensar a origem do mundo, em “Murugawa: mitos, contos e fábulas do povo Maraguá” é exposto que para a cultura Maraguá, *Monãg*⁸ fez o universo e o mundo e deixou sem habitantes. Em decorrência disso, o filho de *Monãg*, *Wasiry*, desceu a terra e criou todos os vegetais, as florestas, os animais e os seres humanos. Já em “Purating: O remo sagrado” livro já citado aqui por nós, Yaguarê conta como os sateré-mawé acreditam que se deu a origem do mundo. Pela perspectiva dos Sateré-Mawé, a Cobra Grande, *Mói Wató Magkarú Sesé*, ficou com *A’at* (o sol) e *Yurupary* (a lua), engravidando sem saber quem era o pai. Dessa gravidez, um mundo se formou no corpo do filho. A cobra continuou tendo filhos, incluindo cobras más, o que desagradou *Tupana*, que levou o primeiro mundo para o céu. Os seres que permaneceram criaram um novo mundo a partir do corpo da mãe, transformando a Cobra Grande em terra. Esse novo mundo criado não era perfeito pois a mãe estava com raiva do que estavam fazendo com ela. Essa é a origem do mundo para o povo Sateré-Mawé que é bastante diferente da dos Maraguás, mesmo tendo trajetórias entrelaçadas por muito tempo, cada povo possui as suas crenças. São essas diferenças que as crianças e jovens precisam conhecer por meio da literatura infantojuvenil.

Por fim, a última obra do autor a ser citada é “Cocarzinho Amarelo”, de 2022, que é distinta de todas as histórias apresentadas, pois faz uma releitura da versão europeia “Chapeuzinho Vermelho” de uma maneira mais brasileira. Chapeuzinho Vermelho é uma história muito conhecida e mundialmente difundida e que por ter sido criada por europeus no século XVII, traz um retrato da Europa de sua época. Realidade essa que está muito distante da realidade brasileira. A história Cocarzinho Amarelo traz a essência da obra original, mas alguns aspectos são mudados para se aproximar da realidade brasileira a qual os leitores podem se identificar ou pelo menos ter um pouco mais de acesso. Ao fazermos uma comparação entre as duas versões, conseguimos entender mais das diferenças entre elas. Na

⁸ Ser supremo.

versão brasileira, a protagonista é uma menina indígena, e não branca, que usa um cocarzinho amarelo em vez de um chapeuzinho vermelho. A protagonista de Cocarzinho amarelo possui um nome, Putíra Purãga, em nheengatu esse nome quer dizer “flor bela, flor bonita” (YAMÃ, 2021, p. 407). Em Cocarzinho Amarelo, a personagem também atravessa a floresta com comidas para a vovó, mas nesse caso é a floresta amazônica. Substituindo os bolos e vinhos da versão original, a personagem da versão brasileira atravessa a floresta amazônica com um cesto cheio de beiju pé de moleque, para entregar à vovó. O beiju pé de moleque é composto por duas comidas que são tipicamente brasileiras, o beiju e o pé de moleque. No caminho, em vez de encontrar o lobo mau, ela se depara com uma onça.

A escolha da onça como antagonista é algo muito simbólico da cultura maraguá. De acordo com o ilustrador do livro Guaynê, Uziel, 2021, na cultura Maraguá as crianças aprendem a caçar com animais pequenos. Entretanto, para se tornar um guerreiro o curumim⁹ precisa passar por algumas provas, caçar uma onça é uma dessas provas. Para os maraguás isso é um ato de bravura. No livro, a menina Putíra Purãga é ajudada por crianças na captura da onça, diferente da versão original onde quem salva a criança são caçadores. Esse protagonismo dado às crianças demonstra a coragem delas. Na cultura Maraguá, a criança adquire essa autonomia e perspicácia desde muito novo andando pela floresta e entrando em contato com os perigos que ela pode encontrar no caminho. Por conta disso, os personagens do livro souberam lidar muito bem com a situação.

Outro aspecto importante para se destacar é que não há violência contra esse animal, ou seja, as crianças ajudam a menina, mas não precisam machucar ou matar a onça, eles apenas a afastam. Como a vovó estava na barriga da onça, as crianças aceitam que não dá para salvá-la, pois o objetivo era dar a lição para que o animal nunca mais importunasse a menina, e não o causar sofrimento. Diferente da versão original onde o caçador salva a chapeuzinho vermelho e a vovó, mas para isso mata o lobo de uma forma cruel abrindo o animal para tirá-las de dentro dele e comemorando essa morte. Isso mostra como para a sociedade ocidental o ser humano está em detrimento dos animais. O respeito à onça retratado em ‘Cocarzinho Amarelo’ é algo que precisa ser aprendido por outras culturas.

Esse livro é escrito em português e nheengatu, uma língua geral amazônica e ao final apresenta um pouco sobre a língua nheengatu, algumas frases e cores. É uma obra

⁹ Palavra de origem tupi (kurumim) que significa ‘menino’.

necessária para a construção da identidade de crianças brasileiras. Elas crescem se sentindo representadas nas famosas histórias de crianças e aprendem mais sobre o Brasil.

A literatura de Yaguarê Yamã por ser em sua grande maioria uma tradução da oralidade, carrega muitos traços da contação de histórias. Dessa forma, existem alguns elementos que caracterizam as obras que são frutos da oralidade como é o caso da contação de histórias:

“Walter Ong (1998, p. 47-58) aponta os elementos que caracterizam o pensamento e a expressão fundados na oralidade. Resumimos estes elementos e destacamos: a inserção de estruturas aditivas que conduzem o fluxo narrativo; o uso de fórmulas linguísticas de repetição do já dito, a fim de garantir referência ao que já foi dito e continuidade narrativa; interação com o público de forma a provocar sua reação; referência ao cotidiano da vida humana; construção de uma identificação empática entre narrador, audiência e personagem; vinculação com o presente e uso de conceitos dentro de quadros de referência situacionais.” (ONG apud THIÉL, 2013, p.1180)

Dentre esses elementos, vários estão presentes nas obras do autor. A repetição do que já foi dito faz parte da construção narrativa do livro “Falando Tupi” visto que, o narrador frequentemente inicia os períodos com “você sabia”. O tom de conversa da estrutura da narrativa é, de certo modo, também uma forma de interação com o público com o intuito visando gerar uma reação dos leitores. “Em Purating: o remo sagrado” ao introduzir a história contando como acontece o momento da contação de histórias na sua aldeia é utilizado outro elemento proposto por Walter Ong que é fazer referência ao cotidiano da vida humana, nesse caso, fazendo referência ao cotidiano das pessoas que moram na sua aldeia. Dessa forma, percebe-se a expressiva presença de elementos da contação de história nessas obras, pois isso carrega uma parte constituinte da tradição cultural Sateré-Mawé e Maraguá.

Os traços da tradição da contação de histórias, a recorrência às memórias de infância, os temas da floresta e a apresentação de sua aldeia por meio da escrita constroem a identidade literária de Yaguarê Yamã. Além disso, o autor cria histórias, mas também propaga a produção cultural oralizada de seu povo, servindo como um porta-voz, isso mostra que a literatura de Yaguarê não é só individual, ela também é coletiva. Dorrico (2017, p. 68-69) propõe o conceito *eu-nós lírico-político* para abarcar essa característica de coletividade nos textos indígenas, segundo a autora:

Este conceito refere-se à identificação da persona ‘eu’ associada intimamente ao ‘nós’ nos textos indígenas. Ou seja, ainda que um texto seja publicado sob o viés da autoria individual, esta marca identitária não pretende anular o sentimento da pertença coletiva e étnica [...] sob a égide da literatura, vê-se a militância indígena e a afirmação da alteridade na luta contra o massacre, o genocídio e a expropriação sofridos por eles há mais de 500 anos. A essa segunda identificação nominamos lírico-político (DORRICO, 2017, p. 68-69).

Além disso, segundo Pereira; Bruce; Silva e Mouta (2020, p. 452) Yaguarê Yamã “produz narrativas multimodais onde a escrita, a oralidade e as ilustrações interagem e caracterizam enredos, espaços e personagens que revelam a visão de mundo dos povos originários”. Por conta da multimodalidade presente nas obras do autor que junta a escrita, a oralidade e as ilustrações para a construção de uma obra, os livros de Yaguarê não se encaixam dentro dos padrões do cânone brasileiro. A respeito disso, Graúna afirma:

A preocupação principal de Yaguarê não é prestar obediência ao cânone literário, mas “[...] seu objetivo maior é transmitir o pensamento (ancestral e/ou contemporâneo) indígena que deve ter um lugar também nas escolas não indígenas” (Graúna apud Dorrico, 2018, p.129).

De acordo com Lajolo e Ziberman (2007, p. 104), a figura do indígena em muitas obras não era nem bom nem mau, apenas indesejável, “o obstáculo a ser removido junto com a floresta e os animais selvagens”. Esse é um retrato do mundo ocidental, onde a natureza é vista como um recurso, sem muita importância a menos que seja para exploração, e os indígenas estão ligados a ela sendo igualmente desvalorizados. Em contraponto, nas sociedades indígenas eles também estão ligados à natureza, mas porque a valorizam, porque não se enxergam como seres separados dela, pelo contrário, eles são parte da natureza. Essa relação de respeito com o meio ambiente pode ser observada nas obras apresentadas acima. Dado que, como já mencionado, o povo Maraguá, por exemplo, aprende desde cedo a lidar e respeitar os limites da floresta, influenciados pelos mitos que os fazem refletir sobre isso. Mesmo aqueles que não seguem a religião *Urutópiag* muitas vezes incorporam ensinamentos dessa fé, como o respeito pela floresta.

YAGUARÊ YAMÃ PARA A FORMAÇÃO DE JOVENS LEITORES

Yaguarê Yamã é um dos escritores que contribui, por meio da literatura, na luta contra o apagamento cultural indígena. Entretanto, para que essa literatura traga resultados positivos é necessário que a sociedade dominante esteja aberta a ler esses autores e repercuta suas produções para que mais pessoas se tornem aliados à causa indígena. Nosso pensamento coincide com o de Funari; Piñon, (2014, p.115 apud Dorrico) a respeito da contribuição da literatura indígena para sociedade brasileira: “essa contribuição não terá sentido se não tiver reverberações sociais. E aqui entra o papel da escola como locus privilegiado de interação social e “elemento capital na conformação das imagens a respeito dos indígenas”

Considerando que, de acordo com o art. 208 da Constituição Federal, a educação é obrigatória dos quatro aos dezessete anos, é válido afirmar que a escola é um local com muita concentração desse público que precisa conhecer a literatura indígena, já que provavelmente darão início às suas formações leitoras na escola.

Com a Lei nº 11.645 de 10 março de 2008 que torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nas instituições de ensino fundamental e médio, tivemos um primeiro passo importante para as reverberações necessárias na luta contra o apagamento cultural indígena. Entretanto, a maneira em que esse assunto é trabalhado ainda não é a ideal. Isso porque quando se trata de cultura indígena nas escolas, principalmente nos anos iniciais, há apenas uma data para trabalhar o tema: o dezenove de abril que é o dia dos povos indígenas. Sendo que, esse assunto precisa ser diário no dia a dia das crianças e adolescentes para que eles cresçam respeitando essas culturas.

Além de, normalmente, ter apenas um dia específico no qual as questões indígenas são trabalhadas nas escolas, esse conteúdo ainda é abordado de uma maneira estereotipada. Geralmente as crianças se fantasiam e fazem imitações caricatas de “índio”. No lado pedagógico os professores apresentam informações generalizadas e descontextualizadas a respeito dos povos indígenas. Ainda são usados em muitas escolas modelos de atividades de sala sobre o dia dezoito de abril em que se referem a esse dia como o dia do “índio”. Nesses deveres, os indígenas são descritos como povos que vivem em grupos chamados “tribos” e moram em “ocas”. Essas são palavras que utilizam para generalizar os indígenas de maneira ofensiva. A palavra ‘oca’ por exemplo, é uma palavra de origem tupi que significa ‘casa’, mas não são todos os povos indígenas que se referem as suas casas como ocas pois existem várias línguas conseqüentemente várias formas de se falar a palavra casa. Para o povo Maraguá casa significa *kanaé*, já os Mawés falam *netáp* (Yamã, 2019, p. 21). Portanto, as escolas e os profissionais que atuam nelas precisam estar atualizados nessas questões para que o ambiente escolar realmente seja um ambiente de aprendizados e não de reprodução de discursos ofensivos sobre os povos originários. Tendo em vista isso, há uma série de estereótipos devem ser repensados principalmente nesse dia de conscientização sobre a luta dos povos indígenas e que celebra a diversidade cultural desses povos. O dia dezoito de abril precisa ser valorizado, mas da forma correta senão só gera desinformação e preconceitos.

A discriminação contra os indígenas está profundamente enraizada em várias esferas da sociedade. Portanto, na educação a mudança necessária para a apresentação da literatura de autoria indígena aos jovens na escola envolve muitas esferas. Logo, a raiz do problema na educação está desde a formação docente do país até a construção dos livros didáticos que são utilizados pelos professores em sala de aula. A respeito disso Khalil afirma:

“uma das conseqüências do processo de idealização e paralelo apagamento do índio na realidade social brasileira é a forma como os índios costumam ser representados nos livros didáticos. O verbo no pretérito imperfeito é uma constante, porque de forma geral os índios “eram”, raramente eles “são”. Costumamos ler nesses livros que os índios “moravam” em ocas, que o tacape “era” uma de suas armas de guerra.” (KHALIL, 2015, p.227).

Esse apagamento dos povos indígenas nos livros didáticos é fruto de um processo extenso de políticas que visavam a exclusão dos povos tradicionais da sociedade brasileira. Antes dos portugueses chegarem ao Brasil, os indígenas já habitavam esse país. Entretanto, apenas com a Constituição Federal de 1988 tiveram seus direitos reconhecidos

pelo Estado Brasileiro. Tendo em vista isso, e levando em comparação a quantidade de anos que os indígenas ficaram sob políticas de tutela e sob a imposição da cultura dominante, não faz muito tempo que os indígenas são considerados cidadãos para o Estado brasileiro e por consequência pela sociedade brasileira também. Desse modo, grande parte do trabalho de Yaguarê Yamã e de vários outros autores é pela inclusão do indígena na sociedade brasileira. Portanto, é importante sempre frisar que ser indígena é também ser brasileiro. Esse trabalho precisa ser continuado pela escola que por muito tempo, e até hoje, corrobora com a exclusão dos indígenas da sociedade brasileira.

Dentro desse contexto, para enriquecer o conhecimento dos jovens sobre a literatura indígena, o nosso papel como educadores é repensar as práticas pedagógicas utilizadas em sala de aula e sempre nos atualizar sobre a luta dos povos indígenas brasileiros. Essas práticas pedagógicas precisam ser planejadas para apresentar os indígenas como seres plurais e para combater a ideia de desaparecimento dos indígenas pois como já visto, é comum utilizarem verbos do passado para falar de indígenas nos materiais didáticos.

Nesse sentido, a leitura da obra *Cocarzinho Amarelo* pode ser uma ferramenta para frisar que indígenas são brasileiros. Isso porque o livro traz elementos que são característicos do Brasil em toda a sua construção. O nome dos alimentos é conhecido por todos e tem origem brasileira, o cenário onde acontece a história é a floresta amazônica que é o local onde está concentrada grande parte da biodiversidade brasileira. Além disso, tem a onça como antagonista da história que é um animal que está presente em vários biomas brasileiros. Então, essa é uma história que carrega a essência do Brasil. Esse livro por trazer um espaço essencialmente brasileiro na construção da narrativa pode estimular o interesse dos alunos à literatura nativa por meio da identificação. *Falando Tupi* também é uma obra para frisar a brasilidade dos povos indígenas pois traz palavras muito usadas por nós e que vieram do tupi que é uma língua indígena.

Frisamos que a escola é o lugar para os alunos conhecerem narrativas diferentes das que eles estão acostumados uma vez que, no entretenimento, nas bibliotecas e livrarias a maioria das histórias são europeias ou estadunidenses. A literatura indígena mesmo sendo tão familiar, pois também é literatura brasileira e, portanto, traz ênfase ao Brasil, ainda é marginalizada. Dentro da literatura, incorporar livros de propriedade intelectual indígena no cotidiano dos alunos é dar a oportunidade desses povos se apresentarem, portanto devem ser colocadas como leitura obrigatória juntamente a obras canônicas ou estrangeiras.

Diante do cenário no qual as bibliotecas e livrarias comerciais raramente têm livros com a temática indígena a mostra, outro aspecto importante para ser pensado em uma escola é a inserção de livros de literatura indígena nas bibliotecas das escolas de fácil acesso às crianças e jovens. Uma vez que, é a partir do contato constante com essas obras que começam a valorizar os povos nativos.

Dentro da sala de aula, a inserção da literatura de autoria indígena aos alunos, assim como a inserção de qualquer outro assunto, começa na pesquisa do professor sobre o tema. Como já mencionado, o professor deve sempre se atualizar sobre essa temática para que consiga trazer informações conscientes, aprofundadas e respeitadas para as suas aulas.

Após isso, o trabalho com os alunos deve ser pensado a partir do conhecimento prévio deles sobre as culturas indígenas. Essa abordagem tem o objetivo de entender quais pensamentos eles construíram durante a formação sobre os povos originários. Dado que, estando em uma sociedade que constantemente invisibiliza e desumaniza os indígenas, é comum que as crianças e jovens internalizem preconceitos com esses povos, principalmente se esse público não tiver contato com culturas indígenas, o que é comum. Dessa forma, ao acessar o conhecimento prévio dos alunos, o professor consegue elaborar estratégias para fazê-los refletirem sobre estereótipos que podem ser transmitidos de forma inconsciente por eles e sobre as possíveis ideias generalizadoras que já foram discutidas ao longo deste trabalho.

Então, a partir disso o professor terá recursos para especificar mais o tema considerando as estratégias para o que deseja desenvolver com os estudantes. Para tal propósito é interessante que o professor escolha para trabalhar a princípio apenas um povo indígena para trabalhar. Selecionar um único povo serve para evitar a generalização dos povos indígenas. Para que os alunos entendam que essa comunidade pode ser indígena, mas eles têm uma cultura própria que se difere dos outros. Evidenciando que os costumes trabalhados não são costumes de todos os indígenas, são costumes desse povo em específico. Nesse contexto, o livro “Murugawa – Mitos, contos e fábulas do povo Maraguá” é um livro que pode ajudar os jovens a conhecerem um pouco sobre o povo Maraguá pois aborda quem são os Maraguás, apresenta histórias sobre a origem de elementos importantes para eles e inclui narrativas sobre entidades que os estudantes conhecem, permitindo que compreendam sua conexão com a cultura Marágua, como o *kurupyra*. Já “Purating: o remo sagrado” ajuda as crianças a conhecerem o povo Sateré-Mawé, pois assim como o “Murugawa – Mitos, contos e fábulas

do povo Maraguá” ele também apresenta histórias sobre a origem de elementos importantes para a cultura Sateré-Mawé, conta um pouco sobre os Mawé e sobre a organização dos clãs dos Mawés.

Acreditamos que a literatura indígena é uma temática para ser trabalhada durante todo o ano letivo e não em uma data específica, por isso é essencial que durante o ano outros povos ou a literatura de autores de outros povos sejam inseridas no contexto de sala de aula. Inclusive pensamos que essas literaturas podem ser inseridas também naturalmente, sem que objetivo seja estudar aquele povo, mas sim fazer uma leitura recreativa, ou seja, apenas com o objetivo de gerar entretenimento.

Entendemos que é importante que seja trabalhado mais do que uma cultura indígena, pois para que os jovens entendam a pluralidade dos povos indígenas é preciso que eles entrem em contato com essas diferenças, mesmo que de modo teórico. Com base nisso eles conseguem, por conta própria, entender as semelhanças e diferenças entre um povo e outro e entender o porquê de elas existirem. E a partir disso repensarem as próprias vivências também. Isso capacita os estudantes não apenas nos diferentes conteúdos que precisam aprender para o vestibular, mas também em diferentes manifestações culturais. Como resultado, eles se tornam mais conhecedores do Brasil, considerando que, nas aulas de literatura, a ênfase geralmente recai sobre obras europeias ou sobre obras brasileiras com fortes influências europeias.

Trabalhar com as obras de Yaguarê Yamã em sala de aula pode trazer frutos bastante positivos, pois, pertencendo aos povos Sateré-Mawé e Maraguá, ele traz em seu conjunto literário histórias sobre essas duas culturas. Isso permite abordar a proximidade cultural entre os dois povos, e ao mesmo tempo enfatizar que, apesar das semelhanças, são povos distintos com suas próprias particularidades.

Os textos das histórias da literatura indígena têm uma característica de serem multimodais, ou seja, “a leitura da palavra impressa interage com a leitura das ilustrações, com a percepção dos desenhos geométricos de elementos rítmicos e performáticos” (Thiél, 2013 p. 1178). Além disso, um livro pode conter vários gêneros como é o caso do livro “Murugawa - Mitos, contos e fábulas do povo Maraguá” que o próprio nome já demonstra essa característica. Na escola, não estamos familiarizados com esse tipo de narrativa, pois nossa definição de gênero é bastante rígida e ocidentalizada. Nessa perspectiva, dialogamos com o que Dorrico expõe:

“avessos às literaturas extraocidentais não sabemos ler outros textos que não povoam o nosso imaginário quase que absolutamente ocidentalizado [...] Colabora para esse estranhamento, em sentido negativo, a não inteligibilidade da forma e do sentido do texto indígena, muitas vezes carregado de preconceito por não se encaixar numa classificação binarista ou de razão eurocêntrica.” (DORRICO, 2017, p. 35).

Dessa forma, por não terem aprendido a ler textos indígenas, os professores normalmente não trabalham isso em sala de aula. Segundo Thiél,

professores desconhecem os autores indígenas ou julgam suas obras por critérios canônicos ocidentais de literariedade, o que faz com que não reconheçam nestas textualidades valor estético comparável àquele dos textos recomendados nos currículos e exigidos em exames e concursos. (THIÉL, 2013, p. 1177).

Em todos os livros de Yaguarê analisados neste estudo há a presença de ilustrações que ajudam a contar a história. A presença dos desenhos nesses textos é reduzida, nos padrões ocidentais, a uma forma de ornamento para tornar o texto mais lúdico para as crianças. Entretanto, as ilustrações, muito presentes nas obras apresentadas no capítulo anterior, atribuem contexto à escrita do autor, portanto é mais uma maneira de adquirir conhecimento sobre aquilo que está sendo apresentado. Conhecemos a cultura do autor por meio da escrita, mas também dos elementos visuais. Esses elementos visuais incluem também os grafismos que para o senso comum se trata de arte, mas muitos indígenas consideram como uma forma de escrita gráfica não alfabética. Dessa forma, em “Três curumins – como nascem os nomes indígenas” entende-se cada contexto em que os personagens estão inseridos pelos lugares onde eles estão representados nas ilustrações. Em “Puratig: o remo sagrado” a ilustração do *puratig* informa visualmente o que é o remo sagrado. Esses aspectos tornam os textos de Yaguarê Yamã multimodais. Sob esse cenário Thiago (2007, p.223) expõe que:

Composto por duas modalidades de texto - o alfabético e o visual - o texto multimodal de autoria indígena convida a uma interpretação renovada de letramento - que se baseie na performatividade e que leve em conta o pensamento complexo presente na episteme indígena centrada que é na complexidade de lugar e no sentido da visão como fonte de saber.

Portanto, os textos de Yaguarê como textos multimodais trazem uma nova forma de leitura para os estudantes usando a visão como fonte de saber assim como a autora expõe. Essas obras são importantes para que os jovens e crianças desenvolvam habilidades de compreensão de vários tipos de linguagens. Assim, os estudantes adquirem não apenas uma compreensão multicultural, mas também se tornam familiarizados com textos multimodais.

Existem indígenas que vivem nos territórios tradicionais, indígenas que vivem entre os territórios tradicionais e a cidade e indígenas que vivem apenas na cidade ou muito próximo a ela. Então a escola precisa ser um ambiente pensado também para acolher indígenas que mantêm contato com a cidade e que constantemente têm suas identidades negadas por esse contato. Mais importante ainda, os jovens precisam compreender, naturalizar e respeitar a presença de indígenas em qualquer um desses três contextos. Nessa perspectiva, o livro ‘Três Curumins – Como nascem os nomes indígenas’ de Yaguarê Yamã por meio das ilustrações, mas também da escrita passa a mensagem que indígenas que estão próximos a cidade grande não deixam de serem indígenas. Por exemplo, o personagem Tupã Verá mora em uma aldeia na periferia de São Paulo muito próxima à cidade. A imagem desse personagem não está próxima do que é um “índio” no imaginário do brasileiro médio e isso não o torna menos indígena ou não pertencente à um povo. As histórias presentes no livro em conjunto com as ilustrações de Laerte Silvino ao longo da obra ensinam aos não indígenas a pluralidade na escolha dos nomes, mas também os diferentes contextos em que os indígenas estão inseridos. Esse livro traz narrativas diferentes da que eles estão acostumados logo pode gerar o interesse dos alunos por meio da curiosidade.

Para os jovens, é essencial levar para a sala de aula temas que geram debates, reflexões e apontamentos. Nessa perspectiva, o conto “As makukawas” do livro “Contos da floresta” é um texto que pode gerar debates atuais a respeito de questões ambientais, a relação que as populações indígenas estabelecem com a natureza e sobre a relação que a sociedade ocidental estabelece com a biodiversidade.

Já as crianças precisam de leituras com elementos lúdicos e fantásticos que desenvolvam a imaginação e isso também pode ser encontrado na literatura de Yaguarê Yamã. É por isso que normalmente o folclore é trabalhado para crianças nessa fase. Então é essencial pensar uma nova forma de trabalhar esse tema nas escolas. De um jeito que seja possível passar as verdadeiras histórias ancestrais, a importância que elas têm para as

mitologias indígenas as quais pertencem e a qual cultura cada entidade pertence. Além disso, conhecer qual o valor dos seres para as culturas indígenas. A apresentação desse significado abrange desde o correto entendimento dos nomes dessas entidades até o significado religioso que eles representam.

É comum que Yaguarê Yamã publique histórias que envolvam entidades da sua religião para as suas obras. Entidades essas que são bastante conhecidas por fazerem parte do folclore brasileiro. Fazer a leitura dessas obras em sala de aula com os estudantes mediando com informações corretas sobre elas é um ganho na luta para o respeito com as religiões de culturas indígenas.

A discriminação contra indígenas na sociedade brasileira hoje é originada pela perpetuação de uma mentalidade dos colonizadores sobre esses povos. Então acreditamos que a escola tem o papel de despertar os jovens para outro tipo de pensamento que seja mais respeitoso e, além disso, apresentar outras possibilidades de enxergar os povos nativos com base no que eles estão escrevendo sobre si. As obras de Yaguarê Yamã trazem temas que podem gerar discussões pertinentes a respeito de brasilidade, proteção à natureza e sobre peculiaridades da cultura Sateré- Mawé e Maraguá. Esses temas despertam o interesse das crianças e dos jovens e permitem a construção de diálogos proveitosos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a passagem das histórias ancestrais indígenas para a escrita alfabética surge como estratégia de preservação das identidades e culturas dos povos originários que por anos foram aniquilados pela sociedade dominante. Dessa forma, compreende-se a relevância do conhecimento das literaturas de autoria indígena por jovens e crianças visto que o diálogo no sentido de construir reflexões e mudanças é mais simples com pessoas jovens que estão mais abertos a isso. O estudo das literaturas indígenas ajuda na construção de um público jovem leitor mais empático com os assuntos que envolvem as civilizações indígenas contemporâneas, a entender as diferentes cosmovisões das culturas nativas e a naturalizar a presença indígena em diferentes contextos, respeitando sem questionar suas identidades. Tendo em vista isso, autores como Yaguarê Yamã fazem o trabalho de apresentar para a cultura dominante o que é ser indígena por meio da apresentação da sua aldeia, dos costumes, da religiosidade e da produção intelectual produzida por seu povo.

Ao longo desse estudo conhecemos características encontradas nas literaturas indígenas de um modo geral: a multimodalidade, a relação com a natureza no sentido de não se verem apartados dela e sim como parte e o conceito de eu-nós lírico-político proposto por Dorrico (2017, p. 68-69). Todas essas características são encontradas nas obras de Yaguarê, entretanto existem aspectos que são próprios do estilo de escrita do autor como as obras bilíngues em português-nheegatu, português-maraguá, português-tupi, a literatura fantástica e de assombração, a recorrência às memórias de infância para construção das obras e o fato de carregar traços da contação de histórias.

Dessa forma, a escola, um ambiente com alta concentração de jovens e crianças, tem um papel crucial na apresentação de obras de autoria indígena a esse público pois é onde começa a formação leitora da maioria dos jovens e das crianças. Portanto, é nesse ambiente que o trabalho de apresentar os povos indígenas de forma respeitosa deve ser continuado. Os jovens precisam conhecer a pluralidade dos povos indígenas, além disso, o quanto esses povos contribuíram e ainda contribuem para a formação da identidade brasileira,

principalmente linguisticamente. O apagamento das culturas indígenas no conteúdo das escolas envolve muitas esferas da educação. No que compete aos professores, é de extrema importância a atualização das aulas no sentido de não repassarem estereótipos a respeito dos povos indígenas aos alunos. Além disso, trabalhar a temática várias vezes ao longo do ano letivo.

Daniel Munduruku costuma dizer que o Brasil é um país adolescente que vive uma crise de identidade. Dessa forma, o Brasil ainda está tentando entender a própria identidade, para isso é preciso conhecer a nossa história por um olhar que representa o Brasil. Além disso, conhecer as histórias dos povos que nos constroem e entender o que nos diferem ou nos assemelham deles. As literaturas indígenas dentro das escolas têm um papel essencial na construção da identidade brasileira. Dessa maneira, precisam ser colocadas como leitura obrigatória juntamente a obras canônicas ou estrangeiras. Uma vez que, no quadro de leituras obrigatórias das escolas normalmente tem apenas a presença de autores clássicos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei nº 11.645**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, 2008.

DORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco. **Literatura Indígena Brasileira Contemporânea**. Criação, Crítica e Recepção, 2018.

DORRICO, Julie. A LEITURA DA LITERATURA INDÍGENA: PARA UMA CARTOGRAFIA CONTEMPORÂNEA. **Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade - Igarapé**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 107–137, 2018. DOI: 10.47209/2238-7587.v.5.n.2.2887. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/view/2887>. Acesso em: 30 jun. 2024.

DORRICO, Julie. **LITERATURA INDÍGENA: FOLCLORE NÃO!**. YouTube, 12 de fevereiro de 2021. Disponível em: https://youtu.be/QVim5poDDgw?si=gEVMmGT_APRdHYVe Acesso em:13/07/2024.

DORRICO, Julie. **Texto criativo, texto estranho, ponto de vista nativo e autobiografia indígena: discussões teórico-metodológicas para uma fundamentação da crítica literária indígena na contemporaneidade**. *Clareira–Revista de Filosofia da Região Amazônica*, v. 4, p. 68-91, 2017.

DOS SANTOS, Francisco Bezerra. **A literatura indígena dos Maraguá: da produção à publicação**. *Tabuleiro de Letras*, v. 16, n. 1, p. 45-58, 2022.

DOS SANTOS, Rozenilce Silva; RODRIGUES, Renan Albuquerque; ANDRADE, Francisco Alcicley Vasconcelos. **Sociedade e Cultura do Povo Maraguá Segundo a Obra “Maraguápéyára”**. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, n. 2016-11, 2016.

FAFELI FESTIVAL DE LEITURA E LITERATURA. **FELELI 5ª EDIÇÃO | DIA 3 - EDUCATIVO + ESCRITORES** Yaguarê Yamã e Uziel Guaynê. YouTube, 11 de março de 2021. Disponível em: [FELELI 5ª EDIÇÃO | DIA 3 - EDUCATIVO + ESCRITORES Yaguarê Yamã e Uziel Guaynê \(youtube.com\)](#). Acesso em: 13/07/2024.

FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção, edição e organização). **Yaguarê Yamã e seus ensinamentos sobre os povos originários**. In: Templo Cultural Delfos, março/2023. Disponível no link. Acesso em 18/04/2024.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins; DE SOUZA, Lorena Faria. **Literatura Indígena em Debate: superando o apagamento por meio do letramento literário**. Caderno Seminal, v. 23, n. 23, 2015.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da Literatura Indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

GRAÚNA, Graça. **Literatura indígena: da oralidade ao papel**. disponível no site: art'palavra (ggrauna.blogspot.com) acesso em: 07/05/2024. Fonte: CORREIOBRAZILIENSE, Brasília, 29 de fevereiro de 2016.

História de vida – Museu da Pessoa. **O sateré escritor**. Acesso em: 15/05/2024. Disponível em: <https://museudapessoa.org/historia-de-vida/o-sater-escritor/>

JECUPÉ, Kaká Werá. **A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio**. Editora Peirópolis LTDA, 2020.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo: Ática, 2007.

LARANJEIRA, Pires. **De letra em riste: identidade, autonomia e outras questões**. Lisboa: Edições Afrontamento, 1992.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LAVAREDA, Welton Diego Carmim; DOS SANTOS NEVES, Ivânia. **Políticas linguísticas na Cabanagem: diálogos e duelos com o nheengatu**. Revista Intersecções, v. 11, n. 25, p. 66-85, 2018.

PEREIRA, Alex Viana, BRUCE, Lígia de Souza; SILVA, Luisa Gracielli Marques; MOUTA, Maria Eulane Tavares. **A LITERATURA DA FLORESTA: MULTIMODALIDADE NA NARRATIVA SOBRE A ORIGEM DO MUNDO**. REVISTA DIÁLOGO E INTERAÇÃO, v. 14, n. 1, p. 451-465, 2020.

PEREIRA, Danglei de Castro; OLIVA, Luzia Aparecida. **Literaturas de autoria indígena**, 2022.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. 3.ed. revisada. Rio de Janeiro, RJ: Grumim, 2019.

TEIXEIRA, P. (Org.). (2005). **Saterê-Mawé: Retrato de um Povo Indígena**. Manaus: UNICEF

THIAGO, Elisa Maria Costa Pereira de S. **O texto multimodal de autoria indígena: narrativa, lugar e interculturalidade**. 2007. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-06112007-104330/>. Acesso em: 30 jul. 2024.

THIÉL, Janice Cristine. **A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural**. Revista Educação e Realidade, v 28, n.4, p.1778, 2013. Disponível em: scielo.br/j/edreal/a/PJsZ4S3tMLKBmyJ83VKXcQg/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 12/07/2024.

YAMÃ, Yaguarê. **A todos os indígenas e aliados: reflexão sobre o movimento Indígena atual**. São Paulo: Editora Leda Cintra Castellan, 2019. E-book.

YAMÃ, Yaguarê. **Blog de Yaguarê**. Parintins, out. 2011. Disponível em: <https://www.blogger.com/profile/08742374159134360262>. Acesso em: 31 jul. 2024.

YAMÃ, Yaguarê. **Cocarzinho Amarelo**. Globinho, 2022.

YAMÃ, Yaguarê. **Contos da floresta**. Peiropolis, 2012.

YAMÃ, Yaguarê; YAGUAKÃG, Elias; REIS, Egídia; JOSÉ, Mário. **Dicionário de estudos de nheengatu tradicional**. São Paulo: Editora Cintra, 2021.

YAMÃ, Yaguarê. **Murugawa - Mitos, contos e fábulas do povo Maraguá**. São Paulo: wmfmartinsfontes, 2016.

YAMÃ, Yaguarê. **O caçador de histórias**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

YAMÃ, Yaguarê. **Puratig – o remo sagrado**. São Paulo: Peirópolis, 2001.

YAMÃ, Yaguarê. **Três curumins - como nascem os nomes indígenas**. Ciranda na escola, 2023.

YAMÃ, Yaguarê. **Urutópiag: a religião dos pajés e dos espíritos da selva**. IBRASA, 2005.

